

UMA EXPERIÊNCIA DE TURISMO REGENERATIVO NA CAATINGA: ESTUDO DE CASO DA FEIRA NO SÍTIO

*A REGENERATIVE TOURISM EXPERIENCE IN THE CAATINGA: A CASE STUDY
OF THE "FEIRA NO SÍTIO"*

*UNA EXPERIENCIA DE TURISMO REGENERATIVO EN LA CAATINGA:
ESTUDIO DE CASO DE LA "FEIRA NO SÍTIO"*

Érica Barros Cavalcante¹
Adriana Monteiro da Silva²
Márcia Gabrielli Sousa Campêlo³

DOI: 10.29327/revista-interdisciplinar-extensao-cultura-caetana.1440116

Resumo

Este estudo analisa a Feira no Sítio, realizada na Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Sítio Caripina/Parnaíba-PI, como prática comunitária vinculada ao turismo regenerativo. A pesquisa investiga a feira enquanto tecnologia social capaz de integrar produção local, práticas agroecológicas, economia circular e protagonismo feminino, promovendo regeneração socioterritorial. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, com observação participante, análise de registros das atividades, por meio da pesquisa-ação e aplicação de formulário via Google Forms. Os resultados evidenciam o fortalecimento econômico, a ampliação das redes comunitárias e adesão a princípios regenerativos, demonstrando a relevância da feira para a construção de modelos sustentáveis e replicáveis em outros territórios rurais.

Palavras-chave: Turismo regenerativo; Feira no Sítio; Tecnologia Social; Economia circular; Protagonismo feminino.

1 Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, PI, Brasil. Graduanda em Bacharel em Turismo, e-mail: turismandocomaerica@gmail.com

2 Universidade de São Paulo/ Escola de Artes, Ciências e Humanidade- USP/EACH São Paulo, SP, Brasil. Mestra em Turismo, e-mail: drikkamonteiro@usp.br

3 Universidade Federal do Piauí - UFPI. Economista, Especialista em Empreendedorismo, Parnaíba, PI, Brasil, Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente - UFPI, e-mail: gabriellcampelo35@gmail.com



Abstract

This study analyzes the Feira no Sítio, held at the Private Natural Heritage Reserve (RPPN) Sítio Caripina in Parnaíba, Piauí, as a community-based practice linked to regenerative tourism. The research examines the fair as a social technology capable of integrating local production, agroecological practices, circular economy principles, and women's leadership, fostering socioterritorial regeneration. A qualitative approach was employed, combining participant observation, analysis of activity records through action research, and the application of an online questionnaire via Google Forms. The results indicate economic strengthening, the expansion of community networks, and adherence to regenerative principles, demonstrating the fair's relevance for the construction of sustainable and replicable models in other rural territories.

Keywords: Regenerative tourism; Feira no Sítio; Social technology; Circular economy; Women's leadership.

Resumen

Este estudio analiza la Feria en el Sítio, realizada en la Reserva Particular del Patrimonio Natural (RPPN) Sítio Caripina, en Parnaíba-PI, como una práctica comunitaria vinculada al turismo regenerativo. La investigación examina la feria como una tecnología social capaz de integrar la producción local, las prácticas agroecológicas, la economía circular y el protagonismo femenino, promoviendo la regeneración socioterritorial. Se utilizó un enfoque cualitativo, con observación participante, análisis de registros de actividades mediante investigación-acción y la aplicación de un formulario a través de Google Forms. Los resultados evidencian el fortalecimiento económico, la ampliación de las redes comunitarias y la adhesión a principios regenerativos, demostrando la relevancia de la feria para la construcción de modelos sostenibles y replicables en otros territorios rurales.

Palabras clave: Turismo regenerativo; Feira no Sítio; Tecnología social; Economía circular; Protagonismo femenino.



INTRODUÇÃO

A Feira no Sítio é uma iniciativa realizada na Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Sítio Caripina, na zona rural de Parnaíba-PI, consolidando-se, desde sua primeira edição em 2024, como espaço de comercialização, formação sociocultural e fortalecimento de redes comunitárias.

A ação é organizada de forma colaborativa pela guardiã do território, Augusta Costa, em articulação com instituições públicas, acadêmicas e comunitárias. Entre 2024 e 2025, foram realizadas seis edições com apoio da Superintendência de Cultura e da Superintendência de Turismo de Parnaíba, Serviço Social do Comércio (SESC), Secretaria de Agricultura Familiar (SAF), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Organização Não Governamental (ONG) Filha do Sol, Comissão Ilha Ativa, Agentes Territoriais de Cultura vinculados ao Ministério de Cultura (MinC), Instituto Federal do Piauí (IFPI), Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), período que marca sua expansão e qualificação institucional.

A iniciativa desenvolve-se em um contexto favorável ao turismo regenerativo, abordagem que ultrapassa a lógica da sustentabilidade ao orientar ações voltadas à restauração ecológica, ao fortalecimento comunitário e à dinamização das economias locais. Na RPPN Sítio Caripina, esse modelo encontra terreno fértil devido à presença de práticas agroecológicas, experiências ecopedagógicas, meliponicultura⁴, trilhas interpretativas na Caatinga⁵ e ações de educação ambiental.

Nesse horizonte, o turismo deixa de ser apenas contemplativo e torna-se agente de melhoria territorial, buscando gerar benefícios ambientais, culturais e sociais superiores à condição inicial do lugar visitado. Essa perspectiva dialoga com iniciativas como a Futuri – Aliança pelo Turismo Regenerativo, que defende um turismo integrado à natureza, orientado por impactos positivos e pelo bem-estar das comunidades.

No presente estudo, o turismo regenerativo é adotado como categoria analítica para a interpretação da experiência da Feira no Sítio, compreendida como um processo territorial vivo. A partir dessa abordagem, analisam-se práticas voltadas ao fortalecimento comunitário, ao cuidado ambiental e à dinamização das economias locais, buscando identificar de que maneira a iniciativa produz impactos positivos duradouros no território, para além da mitigação de efeitos negativos.

O turismo regenerativo, conforme Brasileiro e Borges (2024), emerge como paradigma que transcende a sustentabilidade ao propor processos ativos de revitalização socioambiental. Enquanto a sustentabilidade busca manter as condições existentes, a regeneração orienta-se pela melhoria contínua dos territórios, valorizando saberes locais, cooperação e práticas que promovem resiliência.

Nesse cenário, a Feira no Sítio configura-se como prática comunitária que integra produção local, economia circular, agroecologia e participação ativa de mulheres rurais na organização do território. Tais características reforçam a necessidade de sistematização acadêmica da experiência, especialmente porque iniciativas comunitárias com potencial regenerativo ainda são pouco documentadas como tecnologias sociais.

4 Criação racional de abelhas nativas sem ferrão (Meliponini). Espaço destinado ao manejo, conservação e educação ambiental, relevante para a polinização e a segurança alimentar local.

5 Bioma exclusivamente brasileiro, com vegetação adaptada ao semiárido e elevada biodiversidade; áreas de transição com Cerrado ampliam seu valor conservacionista.

A pesquisa justifica-se por sua relevância social, acadêmica e territorial. Socialmente, a feira fortalece a agricultura familiar, a economia circular e o protagonismo feminino em comunidades rurais. No campo acadêmico, contribui para suprir a escassez de estudos sobre práticas regenerativas em RPPNs. Territorialmente, permite compreender estratégias de desenvolvimento rural alinhadas à conservação ambiental e à inovação socioprodutiva.

Define-se, portanto, a seguinte questão de pesquisa: de que maneira a Feira no Sítio pode ser compreendida como tecnologia social aplicada ao turismo regenerativo? O objetivo geral, alinhado a essa questão, é compreender a experiência da Feira no Sítio como tecnologia social de turismo regenerativo, identificando seus aportes ao protagonismo feminino, à economia circular e agroecológica e à possibilidade de replicação em outros territórios rurais.

Esse enfoque orienta a análise do contexto socioterritorial da feira, a caracterização de seus expositores e visitantes, a observação das práticas agroecológicas e educativas desenvolvidas no território e a compreensão de seus processos organizativos. Busca-se ainda discutir como a feira contribui para o fortalecimento econômico da comunidade, para a ampliação das redes locais de cooperação e para a construção de modelos sustentáveis replicáveis.

Dessa forma, a Feira no Sítio constitui uma experiência relevante para a compreensão dos potenciais do turismo regenerativo em RPPNs, ao articular conservação ambiental, economia circular, saberes tradicionais e fortalecimento comunitário.

Este trabalho organiza-se em cinco sessões. A primeira apresenta a introdução, com a contextualização do tema, a justificativa, o problema, a questão de pesquisa e os objetivos. A segunda reúne o referencial teórico sobre agricultura familiar, protagonismo feminino, economia circular, educação ambiental, turismo regenerativo e tecnologias sociais. A terceira descreve a metodologia, incluindo o local da pesquisa, os participantes, os instrumentos de coleta e os procedimentos de análise. A quarta sessão apresenta os resultados e a discussão. Por fim, a quinta sessão reúne as considerações finais, destacando as contribuições e as possibilidades de replicação da experiência.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão contemporânea das relações entre sociedade e natureza tem sido tensionada por autores que criticam a cisão moderna entre a humanidade e a Terra. Entre esses pensadores, destaca-se Ailton Krenak (2020), cuja reflexão sustenta que a separação entre o humano e a natureza é uma construção histórica que fragmenta o entendimento sobre a vida. Para o autor, ambos constituem um único organismo, inseparável e interdependente:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, a outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja a natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo o que eu consigo pensar é natureza. (Krenak, 2020, p. 83).

Essa compreensão amplia a leitura do território como espaço vivo e relacional, no qual práticas sociais, produtivas e culturais se entrelaçam aos processos ecológicos. A partir dessa perspectiva, a Feira no Sítio é compreendida como experiência territorial que integra cuidado com a terra, produção local e fortalecimento comunitário, elementos centrais do turismo regenerativo.

Essa perspectiva amplia o entendimento das práticas territoriais e comunitárias, situando feiras rurais não apenas como espaços de comercialização, mas como ambientes de troca de saberes, manutenção da vida e fortalecimento socioterritorial.

Nesse sentido, as feiras comunitárias assumem papel estratégico na economia solidária, modelo que, conforme Singer (2013), propõe organização baseada na cooperação, autogestão e benefícios mútuos. Para agricultores familiares, artesãos e pequenos produtores, esses espaços possibilitam autonomia econômica, diversificação produtiva e fortalecimento de redes locais, configurando territórios de resistência e inovação social.

No contexto da Feira no Sítio, a economia solidária estrutura as relações de cooperação e organização do trabalho, enquanto a economia circular orienta o cuidado com os recursos e os fluxos materiais, permitindo que ambas se integrem na construção de práticas produtivas mais responsáveis e alinhadas aos princípios regenerativos.

A economia ali presente aproxima-se do paradigma da economia circular, que rompe com o modelo linear de extração–produção–descarte. Leitão (2015) afirma que materiais biológicos e tecnológicos devem circular continuamente, evitando interrupções em seus ciclos de uso. Weetman (2019) complementa que a economia circular não busca consumir recursos, mas utilizá-los de forma eficiente, eliminando desperdícios desde o design dos processos produtivos. Tal abordagem é especialmente relevante em territórios rurais, onde a saúde dos ecossistemas está diretamente vinculada à sustentabilidade produtiva.

Na RPPN Sítio Caripina, a agroecologia constitui eixo estruturante das práticas territoriais e da própria feira. Conforme Altieri (2012), sistemas agrícolas tradicionais, como policultivos, terraços, sistemas agroflorestais e outras formas de manejo indígena e camponês, sustentaram populações durante séculos ao basearem-se na biodiversidade e no uso de recursos locais.

Quando a diversidade é reintegrada aos agroecossistemas, complexas interações entre solo, plantas e animais promovem autorregulação, estabilidade e produtividade. Essa racionalidade ecológica inspira transições agroecológicas contemporâneas voltadas à regeneração do solo, ampliação da biodiversidade e fortalecimento da autonomia produtiva.

No Sítio Caripina, tais princípios se materializam no uso de Sistemas Agroflorestais (SAFs), no cultivo de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), na meliponicultura educativa e no manejo regenerativo do solo, práticas que sustentam a feira como espaço comunitário de cuidado com a terra e construção de economias regenerativas.

Paralelamente, crescem críticas às limitações do paradigma tradicional da sustentabilidade. Como argumentam Brasileiro e Borges (2024), políticas sustentáveis muitas vezes se limitam à gestão racional de recursos, sem enfrentar as estruturas que produzem degradação ambiental e desigualdade social. Surge, nesse contexto, o turismo regenerativo, que propõe não apenas evitar danos, mas restaurar, revitalizar e promover bem-estar ecológico e comunitário. A regeneração implica participação social, valorização dos saberes locais e fortalecimento das economias territoriais, princípios diretamente alinhados às práticas desenvolvidas no Sítio Caripina.

A participação feminina constitui outro eixo central para compreender a Feira no Sítio. Gohn (2014) destaca que mulheres são protagonistas históricos nas lutas por direitos, preservação de saberes e organização comunitária, especialmente em territórios

rurais. Na feira, a atuação de agricultoras, artesãs, empreendedoras culturais e curadoras reforça o papel estruturante do trabalho feminino no desenvolvimento rural e na sustentabilidade socioprodutiva.

A articulação entre práticas agroecológicas, economia circular, turismo regenerativo e protagonismo feminino sustenta a compreensão da feira como tecnologia social. O conceito, formulado criticamente nos anos 1990, propõe processos de inovação construídos coletivamente e orientados pelas necessidades das comunidades (Dagnino, 2009).

A Fundação Banco do Brasil (FBB, 2022) define tecnologias sociais como soluções que integram saberes populares e conhecimentos científicos, desenvolvidas com baixo custo, alta efetividade social e potencial de replicação. Exemplos como a Silagem de Colostro demonstram como soluções locais podem gerar impacto nacional ao articular autonomia produtiva, sustentabilidade e inovação social.

Nesse sentido, a Feira no Sítio reúne atributos essenciais de uma tecnologia social: base comunitária, processos participativos, uso de práticas agroecológicas, redução de resíduos, fortalecimento produtivo e capacidade de replicação em outros territórios rurais. A partir dessa combinação, a feira configura-se como experiência metodologicamente sistematizável e relevante para modelos de desenvolvimento que conciliam conservação ambiental, economia solidária e regeneração territorial.

Dessa forma, o conceito de tecnologia social orienta a análise da Feira no Sítio ao longo deste estudo, funcionando como eixo interpretativo para a leitura das práticas produtivas, organizativas e educativas observadas no território. Essa abordagem permite compreender a iniciativa não apenas como evento pontual, mas como processo socioterritorial construído coletivamente, com potencial de replicação em outros contextos rurais.

METODOLOGIA

TIPO DE PESQUISA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada na observação participante e em procedimentos metodológicos compatíveis com o contexto comunitário e extensionista da Feira no Sítio. Essa escolha decorre da natureza do fenômeno investigado, que envolve relações socioterritoriais, práticas coletivas, saberes tradicionais e dinâmicas organizativas próprias de um território rural.

Conforme Minayo (2007), a pesquisa qualitativa se dedica ao universo dos significados, crenças, valores e relações que estruturam a experiência humana, constituindo um nível de realidade que não pode ser reduzido a indicadores numéricos. Trata-se de uma abordagem voltada à interpretação dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas práticas e contextos, permitindo acessar dimensões simbólicas e socioculturais essenciais à compreensão de iniciativas comunitárias como a Feira no Sítio.

O trabalho de campo foi realizado na RPPN Sítio Caripina, situada na zona rural de Parnaíba-PI, ambiente no qual se desenvolvem práticas agroecológicas, ações de educação ambiental, meliponicultura e atividades de turismo regenerativo. A pesquisadora atuou simultaneamente como organizadora e observadora, caracterizando um processo

de pesquisa participante que possibilitou acompanhar de perto todas as etapas de planejamento, mobilização e execução da feira, registrando interações, práticas produtivas e dinâmicas comunitárias em sua expressão cotidiana.

A coleta de dados combinou três estratégias principais: observação participante durante as edições da feira; análise de relatórios de reuniões de planejamento e alinhamento operacional; e aplicação de um formulário eletrônico respondido por 54 expositores. O questionário, disponibilizado em plataforma digital, reuniu questões abertas e fechadas referentes ao perfil socioproductivo, organização de trabalho, práticas produtivas, dificuldades enfrentadas e demandas formativas.

As respostas foram sistematizadas em planilhas digitais e analisadas por meio de estatística descritiva simples, no caso das questões fechadas, e de análise de conteúdo, no caso das respostas abertas. Registros audiovisuais produzidos ao longo das edições foram utilizados apenas como material complementar para descrição qualitativa das atividades e para fins de divulgação, não integrando o conjunto formal de dados analisados.

ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados ocorreu de forma integrada, articulando informações quantitativas provenientes do formulário, narrativas dos participantes e observações diretas registradas em campo.

O processo analítico foi orientado por três eixos estruturantes: (1) agricultura familiar e cadeias curtas de comercialização; (2) economia circular e protagonismo feminino; e (3) práticas de educação ambiental e turismo regenerativo observadas nas trilhas interpretativas da Caatinga, no meliponário e nas ações ecopedagógicas. Essa triangulação possibilitou compreender a Feira no Sítio como espaço de comercialização e processo social contínuo, envolvendo aprendizagem, cooperação, fortalecimento produtivo e regeneração territorial.

A metodologia adotada também subsidiou ajustes operacionais e melhorias no ambiente e nas atividades ofertadas ao público visitante. As observações de campo e os dados coletados orientaram intervenções na trilha interpretativa, na sinalização ambiental e na identificação de espécies da fauna e da flora, bem como o aprimoramento das práticas de educação ambiental, das vivências agroecológicas, das práticas integrativas e das ações de gestão de resíduos durante o evento.

Dessa forma, o processo metodológico contribuiu simultaneamente para a compreensão científica da Feira no Sítio e para o aperfeiçoamento contínuo da experiência de expositores e visitantes, reforçando o caráter extensionista e regenerativo da iniciativa. Para fins de transparência metodológica, a Tabela 1 apresenta a relação entre os objetivos específicos da pesquisa e as questões que compuseram o formulário aplicado aos expositores.

Quadro 1: Alinhamento metodológico da pesquisa no Google Forms.

Objetivos específicos do estudo	Questões do roteiro da pesquisa
a. Identificar o perfil socioproductivo dos expositores, incluindo presença nas redes sociais e nível de formalização de seus empreendimentos.	Nome; marca; contatos; redes sociais; tipo de formalização; carteira de artesão; CAF; tempo de atuação; forma de organização do trabalho.
b. Caracterizar o perfil demográfico e identitário da comunidade participante.	Cidade/comunidade; faixa etária; identidade de gênero; raça/etnia; vínculo com comunidades tradicionais; trajetória em zonas rurais ou periféricas.
c. Mapear a tipologia de produtos e serviços ofertados e as condições de organização do trabalho.	Descrição dos produtos; tipo de produção (individual, familiar, coletiva); equipamentos disponíveis; formas de comercialização; meios de pagamento aceitos.
d. Identificar dificuldades produtivas e demandas de formação.	Principais dificuldades; participação em feiras; acesso a insumos; transporte; interesse em formações e áreas desejadas.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa indicam que a Feira no Sítio consolidou-se, entre 2024 e 2025, como um arranjo socioproductivo de base comunitária que articula economia circular, práticas agroecológicas e turismo regenerativo. A análise integrada dos dados obtidos por observação participante, formulário aplicado a 54 expositores e registros das atividades permitiu identificar dinâmicas organizativas e socioculturais que caracterizam a feira como tecnologia social em desenvolvimento.

Figura 1: Vista geral da Feira no Sítio durante as atividades de circulação de visitantes.



Fonte: Acervo visual da RPPN Sítio Caripina (2025).

Os dados demográficos e socioprodutivos revelam predominância feminina entre os expositores, representando 81,5% do total. Esse indicativo reforça o papel central das mulheres na condução de práticas produtivas rurais e na manutenção de saberes tradicionais, em consonância com Gohn (2014), que aponta a presença feminina como eixo estruturante de iniciativas comunitárias.

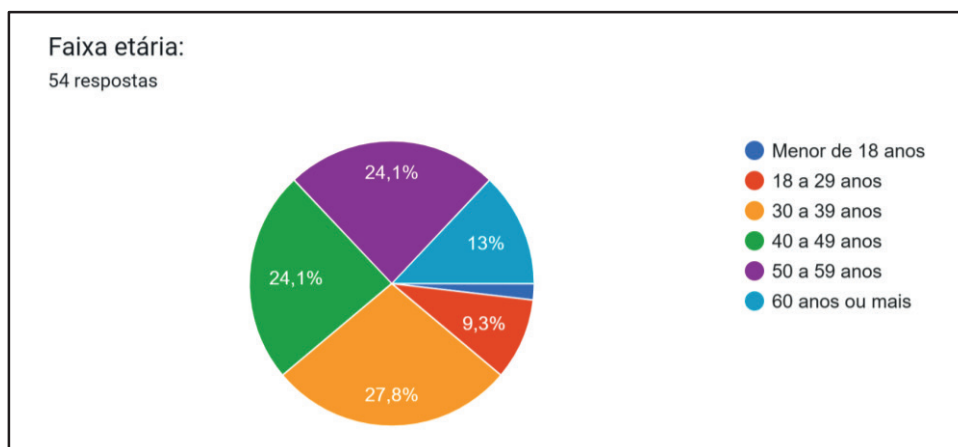
Figura 2: Identidade de gênero dos expositores



Fonte: Dados da pesquisa (2024–2025).

A composição etária, concentrada entre 30 e 59 anos, demonstra predominância de participantes com experiência consolidada em atividades artesanais, agroecológicas e de serviços. A autodeclaração racial evidenciou maioria de pessoas pardas e negras, parte delas pertencentes a comunidades tradicionais, o que confirma o caráter inclusivo e territorialmente enraizado da feira.

Figura 3: Faixa etária dos expositores.



Fonte: Dados da pesquisa (2024–2025).

No campo produtivo, observou-se predominância de informalidade: 57,4% não possuem CNPJ ou MEI, e apenas uma parcela minoritária possui Carteira de Artesão ou Cadastro da Agricultura Familiar. Esses dados indicam fragilidades na estrutura produtiva e na inserção em políticas públicas, reforçando a necessidade de ações formativas e de assessoria institucional, aspecto já apontado por Singer (2013) ao analisar economias

solidárias em contextos periféricos. Ainda assim, a feira se configura como espaço de fortalecimento econômico, uma vez que amplia canais de comercialização e favorece cadeias curtas de produção, aproximando produtor e consumidor.

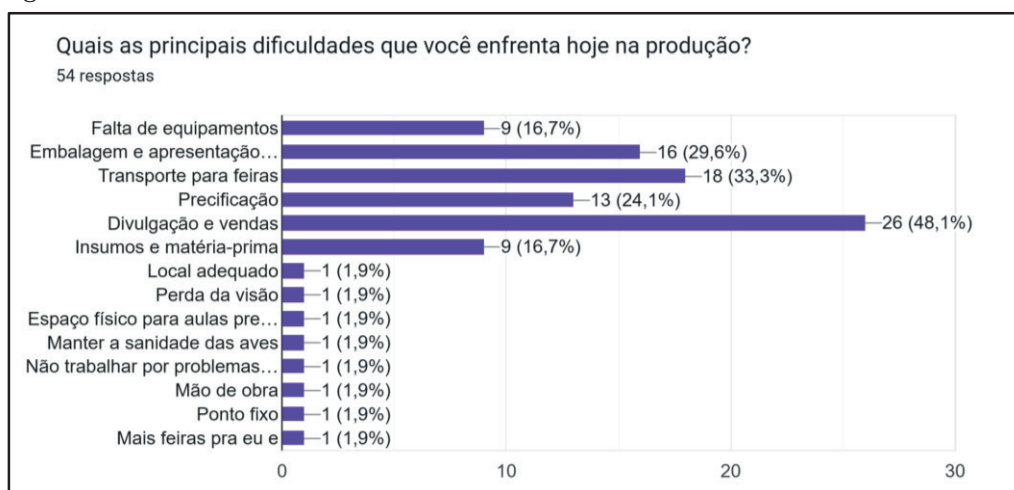
Tabela 1: Situação de formalização dos expositores da Feira no Sítio (2024–2025)

Categoria de Formalização	Nº de Expositores (n)	Percentual (%)
Possui CNPJ/MEI	23	42,6%
Possui Carteira de Artesão	14	25,9%
Possui Cadastro da Agricultura Familiar (CAF)	6	11,1%
Não possui formalização	31	57,4%

Fonte: Dados da pesquisa (2024–2025).

As principais dificuldades relatadas pelos expositores concentram-se em aspectos estruturais do processo produtivo e de comercialização. Os dados indicam que 48,1% enfrentam dificuldades com divulgação e vendas; 33,3% relatam limitações relacionadas ao transporte para participação em feiras; 29,6% apontam problemas com embalagem e apresentação dos produtos; e 24,1% mencionam insegurança na precificação. Outros entraves, embora menos recorrentes, incluem falta de equipamentos (16,7%), escassez de insumos e matéria-prima (16,7%), ausência de ponto fixo de venda e limitações pessoais de saúde.

Figura 4: Dificuldades enfrentadas.



Fonte: Dados da pesquisa (2024–2025).

Esses desafios são característicos de empreendimentos de pequena escala e refletem fragilidades estruturais comuns à agricultura familiar, como baixa capacidade de investimento, acesso limitado a mercados e dificuldades de gestão. Em resposta, a Feira no Sítio vem adotando estratégias que reduzem custos, ampliam a visibilidade dos expositores e incentivam o uso de materiais biodegradáveis e retornáveis, aproximando-se de práticas sustentadas pelos princípios da economia circular. Como explica Leitão (2015), esse modelo propõe manter os materiais em ciclos contínuos, reinserindo resíduos como

insumos e rompendo com a lógica linear de produção e descarte. Complementarmente, Weetman (2019, p. 33) destaca que se trata de “usar recursos, em vez de consumi-los, eliminando os resíduos já no design do produto”. Essas ações fortalecem a autonomia produtiva dos participantes e favorecem a transição para formas mais sustentáveis de organização econômica no território.

Tais ações fortalecem a autonomia produtiva e favorecem a transição para modelos mais sustentáveis de organização econômica no território. No campo das práticas socioculturais e ambientais, observou-se participação ativa do público em trilhas interpretativas, visitas ao meliponário e oficinas de educação ambiental. Essas ações ampliam a experiência dos visitantes e reforçam o papel educativo da feira, aproximando-os dos processos ecológicos que compõem o território.

Figura 5 e 6: Trilha interpretativa na Caatinga e visita ao meliponário realizados na RPPN.



Fonte: Acervo visual da RPPN Sítio Caripina (2025).

Esse conjunto de práticas revela aderência às demandas ambientais contemporâneas. De acordo com o World Wildlife Fund (WWF, 2019), o Brasil é o 4º maior produtor de lixo plástico do mundo, alcançando 11,3 milhões de toneladas por ano. Em uma Unidade de Conservação, esse cenário reforça a urgência da substituição de descartáveis por materiais biodegradáveis ou retornáveis, medida já adotada pela Feira no Sítio de forma sistemática, em consonância com princípios do turismo regenerativo. Conforme afirmam Brasileiro e Borges (2024), iniciativas regenerativas buscam revitalizar ecossistemas, fortalecer comunidades e promover bem-estar coletivo, superando a lógica da sustentabilidade restrita à mitigação de impactos. Outro aspecto relevante diz respeito à articulação institucional. A presença constante de organizações como SAF, SESC, IFPI, UESPI e UFDPAr qualifica a feira enquanto ação extensionista e amplia seu potencial de replicação,

característica central das tecnologias sociais (Dagnino, 2009). Essa rede de apoio fortalece processos educativos, fomenta cadeias curtas de comercialização e amplia oportunidades de formação para os expositores.

A premiação da Feira no Sítio no Ideathon Inova Elas (2025) reforça esse reconhecimento institucional e valida esta pesquisa como solução inovadora para o desenvolvimento territorial sustentável. O Ideathon é uma maratona de inovação voltada exclusivamente para iniciativas lideradas por mulheres, com foco em criar, aprimorar e acelerar projetos que promovam impacto social, econômico e ambiental nos territórios onde estão inseridos.

Estruturado em etapas de imersão, mentoria e apresentação de propostas, o evento reúne especialistas das áreas de tecnologia, empreendedorismo e políticas públicas, incentivando a elaboração de modelos inovadores de negócios de base comunitária. O primeiro lugar obtido pela feira evidencia seu potencial como tecnologia social capaz de integrar economia circular, protagonismo feminino e turismo regenerativo, além de demonstrar capacidade de escalabilidade e replicação em outros territórios rurais.

Em síntese, os resultados mostram que a Feira no Sítio opera como uma tecnologia social de turismo regenerativo ao integrar práticas agroecológicas, economia circular, formação comunitária e protagonismo feminino. A experiência configura-se como modelo metodológico consistente e potencialmente aplicável a outras comunidades rurais interessadas em articular conservação ambiental, inovação social e desenvolvimento territorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos resultados é orientada pelos referenciais de turismo regenerativo e tecnologia social, que estruturam a compreensão da Feira no Sítio como experiência territorial em movimento. A partir dessas lentes, analisam-se as práticas produtivas, ambientais e comunitárias que emergem do território, destacando seus potenciais formativos, regenerativos e de fortalecimento socioprodutivo.

A pesquisa evidenciou que a Feira no Sítio configura-se como uma tecnologia social em consolidação, articulando práticas agroecológicas, economia circular, organização comunitária e participação ativa de mulheres rurais. Longe de se restringir à comercialização, a iniciativa produz efeitos estruturantes no território ao fortalecer redes locais, promover autonomia produtiva e ampliar oportunidades formativas para pequenos empreendedores.

Os resultados mostraram que o público expositor é majoritariamente composto por mulheres vinculadas a comunidades tradicionais, cujas trajetórias produtivas revelam tanto diversidade criativa quanto desafios recorrentes, especialmente relacionados à informalidade, ao acesso a insumos, à divulgação e às condições de escoamento da produção. Nesse contexto, a feira emerge como espaço estratégico de apoio socioprodutivo e de valorização da mulher rural, contribuindo para ampliar sua visibilidade e fortalecer sua atuação econômica.

As práticas observadas no território, como meliponicultura, trilhas interpretativas, manejo agroecológico, redução de resíduos e ações de educação ambiental, revelam forte aderência ao turismo regenerativo, entendido como abordagem orientada à revitalização ecológica e ao fortalecimento sociocultural. Ao integrar visitantes, produtores e instituições nas atividades educativas e vivenciais, a feira contribui para a construção de percepções

ambientais mais sensíveis e para o uso responsável da unidade de conservação em que se insere. Os achados demonstram ainda que a feira está alinhada às metas da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), um plano global firmado em 2015 que orienta ações para a erradicação da pobreza, proteção do planeta e promoção de prosperidade até 2030, estruturado em 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). No contexto da feira, destacam-se especialmente os ODS voltados à agricultura sustentável (ODS 2), saúde e bem-estar (ODS 3), igualdade de gênero (ODS 5), trabalho decente (ODS 8), cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11), consumo e produção responsáveis (ODS 12) e proteção da vida terrestre (ODS 15). Esse alinhamento reforça o potencial da iniciativa como prática inovadora de desenvolvimento territorial sustentável.

A Feira no Sítio também incorpora princípios presentes nas Diretrizes para Visitação em Unidades de Conservação (MMA, 2006), especialmente no que se refere à educação ambiental, segurança, uso responsável dos recursos e monitoramento dos impactos da visitação. A adoção progressiva dessas diretrizes qualifica a experiência como modelo compatível com a conservação ecológica e com práticas de turismo regenerativo em RPPNs.

Reconhece-se, assim, que a questão central que orientou essa pesquisa: de que maneira a Feira no Sítio pode ser compreendida como tecnologia social aplicada ao turismo regenerativo? encontra resposta nos resultados apresentados. A análise demonstra que a Feira no Sítio reúne os elementos estruturantes de uma tecnologia social, articulando práticas agroecológicas, economia circular, protagonismo feminino e ações educativas em um território de conservação ambiental. Essa integração qualifica a iniciativa como referência metodológica potencialmente replicável em outros contextos rurais, especialmente naqueles que buscam alinhar conservação ecológica, turismo de base comunitária e fortalecimento socioproductivo.

Os resultados desta pesquisa demonstram consistência conceitual e metodológica, justificando a intenção de submetê-la à Revista Caetana, ampliando sua difusão acadêmica e contribuindo para o campo das tecnologias sociais aplicadas ao turismo regenerativo. A sistematização realizada também fornece subsídios para elaboração de projetos em editais de fomento, como o Programa Nacional Aldir Blanc (PNAB), iniciativas municipais e estaduais de incentivo cultural e turístico e programas de inovação, como o Centelha Piauí. Esses mecanismos são fundamentais para consolidar e expandir a feira, garantindo investimentos em formação comunitária, infraestrutura, educação ambiental e práticas regenerativas.

Por fim, este estudo contribui para o debate acadêmico ao integrar turismo regenerativo, tecnologias sociais e economia circular em uma análise aplicada ao contexto rural brasileiro. Recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem comparações com outras feiras comunitárias, ampliem metodologias participativas e analisem indicadores de impacto socioambiental capazes de consolidar o potencial das iniciativas regenerativas no país.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar**. Revista Nera. Ano 13, N°. 16, Jan./ Jun. 2010. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1362> . Acesso em: 04 de abril de 2025.



BRASILEIRO, Iara.; BORGES, Elaine Gomes. **Turismo Regenerativo: De Quê Estamos Falando?** Rev.ReBOT Revista Brasileira dos Observatórios do Turismo, Natal/RN, vol. 3, n. 2, p.299-303 Jul./Dez.2024

DAGNINO, Renato. Tecnologia social: Base conceitual. *Ciência & Tecnologia Social - Revista do Observatório do Movimento pela Tecnologia Social da América Latina.* vol. 1, n. 1 Jul. 2011.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL: **Você sabe o que são tecnologias sociais?** Disponível em <https://transforma.fbb.org.br/blog/voce-sabe-o-que-sao-tecnologias-sociais> . Acesso em 04 de dezembro de 2025.

FUTURI BRASIL. **Sobre nós.** Disponível em: <https://futuribrasil.com/sobre-a-futuri/> . Acesso em 04 de abril de 2025.

GOHN, Maria da Glória. A Sociedade Brasileira Em Movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. **CADERNO CRH**, Salvador, vol. 27, n. 71, p. 431-441, Maio/Ago. 2014

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** Pesquisa e organização Rica Careli. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEITÃO, Alexandra. **Economia circular: uma nova filosofia de gestão para o século XXI.** Portuguese Journal of Finance, Management and Accounting, vol 1, n. 2, september 2015. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/entities/publication/6cbaa87f-65a5-41c8-bf37-4fa4e9e8c0dc>. Acesso em: 04 de abril de 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.** ONU Brasil, 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br> Acesso em 02 de junho de 2025.

MINAYO, Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 26. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

MMA. Ministério do Meio Ambiente. **Diretrizes para visitação em unidades de conservação.** Brasília - DF: Ministério do Meio Ambiente Brasília, 2006. Disponível em: www.institutobrasilrural.org.br/download/20200417203825.pdf . Acesso em: 04 de abril de 2025.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** 6ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

WEETMAN, Catherine. **Economia circular: conceitos e estratégias para fazer negócios de forma mais inteligente, sustentável e lucrativa.** Tradução Afonso Celso da Cunha Serra, 1 ed, São Paulo: Autêntica Business, 2019.

WWF. **Brasil é o 4º país do mundo que mais gera lixo plástico.** 04 mar 2019. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?70222/Brasil-e-o-4-pais-do-mundo-que-mais-gera-lixoplastico>. Acesso em 01 nov. 2025